

Partículas em Sikuni Particles in Sikuni

Francesc Queixalós 

Centre National de la Recherche Scientifique, Villejuif, Paris, França

Resumo: Este artigo analisa um grupo particular de morfemas da língua Sikuni (Guahibo), no intuito de demonstrar que: 1) no nível da forma, o grupo tem propriedades de classe; 2) no nível funcional, ele possui correlatos semânticos e pragmáticos tipicamente gramaticais; e 3) ele é certamente passível de uma caracterização em termos de protótipo. A análise é levada a cabo almejando níveis apreciáveis de explicitação e exaustividade, incluindo uma primeira identificação das classes de morfemas da língua, o inventário ilustrado dos morfemas que são objeto deste estudo, uma segunda identificação das classes de morfemas da língua e a síntese dos resultados. O conjunto de considerações feitas ao longo do artigo pretende contribuir para a validação da – reiteradamente questionada – noção tipológica de 'partícula'.

Palavras-chave: Sikuni (Guahibo). Tipologia. Morfossintaxe. Partículas.

Abstract: This work analyzes a specific group of morphemes in the Sikuni language (Guahibo) to show that (1) at the form level, the group displays class properties; (2) at the function level, it has semantic and pragmatic correlates that are typically grammatical; and (3) it clearly can be characterized in terms of prototypicality. In this analysis we pursue explicitness and exhaustivity, conducting a first-pass identification of the morpheme classes, inventorying the morphemes in question and providing corresponding examples, conducting a second and more detailed identification of the morpheme classes, and finally summarizing the results. Together, the findings can contribute to the frequently questioned typological notion of a 'particle.'

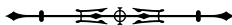
Keywords: Sikuni (Guahibo). Typology. Morphosyntax. Particles.

QUEIXALÓS, Francesc. Partículas em Sikuni. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 14, n. 3, p. 721-737, set.-dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222019000300003>.

Autor para correspondência: Francesc Queixalós. Centre National de la Recherche Scientifique. 7 rue Guy Môquet. Villejuif, Paris, França. CEP 94800 (qxls@tinet.cat; qxls@vjf.cnrs.fr).

Recebido em 25/04/2019

Aprovado em 23/09/2019



INTRODUÇÃO

In the physical sciences, a particle [...] is a small localized object to which can be ascribed several physical or chemical properties [...] (Wikipedia Contributors, 2019).

Sabemos o quão heterogêneo chega a ser o conjunto de propriedades atribuídas à noção de 'partícula' pelos autores seja na hora de descrever uma língua particular seja no momento de produzir definições válidas translinguisticamente. Uma consequência dessa situação é o duplo impasse a que podem conduzir 1) a generalização de uma categoria originalmente elaborada para uma única língua; e 2) a implementação em uma língua particular de uma definição gerada com pretensões universais.

Com dados do Sikuani – profuso inventário de 'partículas', profusas funções envolvidas pela categoria, profusos correlatos semânticos e/ou pragmáticos de uma determinada 'partícula' –, esta contribuição tenciona submeter uma proposta que leva em conta a noção de prototipicidade e que, concomitantemente, avoca uma terceira via entre as pretensões universalistas das definições categoriais *a priori* e o enfraquecimento dos instrumentos da tipologia como resultado da sobrevalorização das definições aduzidas nas descrições das línguas particulares.

A língua Sikuani é falada na área de savana, ao oeste do médio Orenoco e em algumas regiões circundantes (floresta a leste e sul). A população é estimada em 25.000 pessoas, com domínio desigual da língua. Esta língua pertence à pequena família Guahibo.

PERFIL TIPOLÓGICO

Trata-se de uma língua aglutinante, com características de polissíntese, principalmente: afixos pronominais nos verbos, incorporação nominal, constituinte relativamente fraca e moderada hierarquização sintática dos argumentos.

As classes de palavras com conteúdo léxico são verbos, nomes, adjetivos e advérbios. Os nomes são sensíveis às categorias de número, gênero, classe e pessoa. Sintagmas verbais, nominais e adposicionais apresentam seu núcleo à direita. O sintagma nominal hospeda determinantes, modificadores e, no caso dos núcleos nominais divalentes ('inalienáveis'), um argumento interno¹. A valência dos verbos é de um a três argumentos, que se realizam como sintagmas nominais desprovidos de marcas de caso, assim como na morfologia verbal, com a limitação de o verbo não poder expressar mais de dois argumentos. A terceira pessoa é zero na morfologia verbal, mas tem substância fonológica nos nomes. Estes ocupam a posição de predicado de modo natural, sem precisar de cópula.

As categorias de tempo, aspecto, modalidade e fonte da informação codificam-se através da morfologia verbal, dos auxiliares e dos morfemas estudados neste artigo.

As orações verbais básicas alinham o argumento único de verbos monovalentes com o argumento que expressa o agente em verbos divalentes; já com verbos trivalentes, é o argumento que remete ao destinatário com o argumento não agente dos verbos divalentes. Isso se faz visível na codificação dos argumentos via afixos verbais e – parcialmente – na ordem de constituintes. Não é raro que o sintagma nominal acusativo, primariamente pré-verbal, se desloque para a posição pós-verbal. Em condições pragmáticas favoráveis, os sintagmas nominais se elidem com relativa facilidade.

As mudanças de valência geram passiva, reflexivo-recíproco, incorporação, "antidativo", causativa e aplicativa.

¹ A noção de valência nominal deriva em linha reta da noção de nomes como expressões predicativas em Frege (1891 [1997]), assim como, entre outros, em Benveniste (1966 [1960]) e Bach (1968). Para mais detalhes e argumentação, veja Queixalós (2005, 2017) e Queixalós e Gomes (2017).

Há bases, embora tênues, para identificar a existência de hierarquias de índole sintática entre os argumentos, gerando as relações gramaticais sujeito, objeto direto e objeto indireto.

A hierarquização de orações advém mediante subordinação de orações finitas (relativas, adverbiais) ou nominalização (completivas, algumas adverbiais)².

CLASSES DE MORFEMAS

Em uma primeira aproximação, as classes de morfemas do Sikuni são lexemas de verbo, nome, adjetivo, advérbio, mais pronomes, posposições, clíticos e afixos. Igualmente em primeira aproximação, os traços formais básicos que distinguem essas classes podem ser representados na forma do Quadro 1.

Quadro 1. Traços formais básicos que distinguem as classes de morfemas.

	Lexema de verbo	Lexema de nome	Lexema de adjetivo	Lexema de advérbio	Pronome	Posposição	Clítico	Afixo
Acento	+	+	+	+	+	+	-	-
Classe fechada	-	-	-	-	+	+	+	+
Invariável	-	-	-	+	-	-	+	+
Núcleo	+	+	-	-	-	+	-	-
Autonomia	- ³	+	-	+	+	+	-	-

A seguir, explicitam-se algumas noções presentes no Quadro 1:

(a) Acento: o morfema vem do léxico provido de um acento⁴.

(b) Autonomia: o morfema por si só pode conformar um constituinte suboracional⁵, o que lhe outorga um grau apreciável de liberdade de posicionamento na oração.

A combinação de acento e autonomia fundamentam a unidade 'palavra'.

Nomes – *unu* 'floresta' –, advérbios – *tahü* 'longe' –, pronomes – *xamü*, 2^{SINGULAR} – e posposições – *nehewa*, PRIVATIVO – são palavras, assim como a subclasse de lexemas que geram verbos defectivos – *barüya* 'estar alegre'.

Adjetivos – *peruhu-* 'velho' –, clíticos – *=he*, MIRATIVO – e afixos – *-to*, SINGULATIVO – não são palavras. Tampouco a subclasse de lexemas geradores de verbos próprios – *pitsa-* 'sair'.

(c) Classe fechada: o morfema pertence a um inventário de elementos associado a uma estrutura de grupo, ou seja: acrescentar/subtrair um membro à/da classe – por exemplo na diacronia – mudaria a estrutura do todo.

Pronomes, posposições, clíticos e afixos são de classe fechada. Morfemas adjetivais – embora seu inventário não ultrapasse uma quinzena de itens –, verbais, nominais e adverbiais são de classe aberta.

(d) Invariável: o morfema institui uma palavra que não se flexiona em nenhum entorno gramatical.

Palavras instituídas por morfemas adverbiais – com algumas idiosincrasias –, assim como clíticos e afixos, são invariáveis.

Palavras instituídas por morfemas verbais, nominais, adjetivais, assim como pronomes e posposições, recebem flexão em alguns ou todos seus entornos gramaticais.

² Mais informação gramatical sobre essa língua em <http://qxls.free.fr/QxlsProf/publ.htm>.

³ A subclasse maioritária.

⁴ O acento é distintivo. E sua posição está sujeita à variação, dependendo do entorno gramatical.

⁵ Um 'constituinte imediato' da oração.

(e) Núcleo: o morfema institui uma palavra que domina sintagmas complexos – isto é, com mais de uma palavra. Palavras verbais, nominais e posposicionais são núcleos nesse sentido.

Traços adicionais que permitem discriminar, no Quadro 1, entre classes de matriz idêntica ou quase idêntica são:

- As palavras nominais podem ocupar a posição de argumento sem morfologia adicional; as verbais precisam de morfologia para ocupar esta posição (nominalização);

- Os afixos apresentam alta seletividade quanto a seu hóspede fonológico; os clíticos têm baixa seletividade.

Outrossim, a língua possui uma classe de morfemas que chamarei temporariamente de Ivan Ivanovitch⁶ (doravante I.I.), omitida no Quadro 1, com quase os mesmos traços que os pronomes: acento, autonomia, classe fechada e não núcleo. Mas, à diferença dos pronomes, essa classe responde positivamente ao traço de invariabilidade. Expressa funções claramente gramaticais, ora pragmáticas ora semânticas, tais como: aspecto, modalidade, fonte da informação, estrutura informacional, força assertiva, dependência oracional, coerência discursiva. Eis, no Quadro 2, a lista de morfemas I.I., organizada por tipos de funções:

Quadro 2. Lista de morfemas I.I., organizada por tipos de funções.

Aspecto	<i>baha</i>
Modalidade	<i>tsipae</i>
	<i>penetha</i>
	<i>tsaha</i>
	<i>metha</i>
	<i>saya</i>
	<i>hema</i>
	<i>hane</i>
	<i>pikani</i>
Fonte da informação	<i>bihi</i>
	<i>pina</i>
	<i>raetha</i>
	<i>humia</i>
Estrutura informacional	<i>kowü</i>
	<i>tsaena</i>
	<i>baitsi</i>
Força assertiva	<i>raha</i>
	<i>mahe</i>
	<i>piha</i>
Dependência oracional	<i>pakuhinae</i>
Coerência discursiva	<i>nexatha</i>
	<i>nua</i>

⁶ Em recordação a Roman Jakobson.

INVENTÁRIO

Ilustro cada um dos itens do Quadro 2 com exemplo(s)⁷, mostrando sua forma fonológica e sua função única ou básica.

ASPECTO

Baha: significado inegavelmente aspectual – denota a ‘estrutura’ temporal da maneira de existir descrita pelo predicado⁸ –, embora mais abstrato do que a maioria dos exponentes do aspecto habitualmente observados; expressa que houve traspasso de um marco, como ocorre no exemplo (2)a.

(1a) *nakuenaba* *baha*
 EleTrabalha TRASPASSO
 ‘Ele já trabalhou.’

(1b)

(2a) *ruka* *baha*
 EleEstáPendurado TRASPASSO
 ‘Ele está deitado (na rede).’

(2b)

Nos esquemas (1b) e (2b):

- A seta horizontal representa o eixo temporal;
- O colchete orientado – à esquerda para ‘trabalha’/à direita para ‘está pendurado’ – representa o marco temporal⁹;
- A seta vertical representa o ponto em que o falante situa a maneira de existir predicada (que não precisa ser ‘imediatamente’ posterior ao marco temporal).

MODALIDADE

Tsipae: a maneira de existir faz parte das possibilidades. Forma supletiva do auxiliar *hitsipa*, literalmente ‘querer’, para qualquer predicado que não seja um verbo próprio em contexto afirmativo ou interrogativo.

(3) *itsinü* *tsipae*
 EuOFaço POTENCIAL
 ‘Eu o faria.’

⁷ No intuito de agilizar a leitura dos exemplos, só dou a segmentação das palavras quando localmente necessária para uma boa compreensão. A forma das palavras segmentadas é aquela que precede a aplicação das regras morfofonológicas. Outrossim, a glosa dos morfemas polissêmicos reflete a acepção mais básica.

⁸ À diferença do tempo, que denota a ‘localização’ temporal da maneira de existir. A expressão ‘maneira de existir’ corresponde ao significado genérico dos predicados: ação, evento, processo, estado, conjunto de propriedades, de qualidades, inclusão, identificação, existência etc.

⁹ Contrastando predicados verbais vs. predicados não verbais ou com verbos estáticos.

Penetha: dado um estado de coisas, a maneira de existir é óbvia, natural, sem obstáculo.

- (4) *itsa=dehawanü tsipae penetha koikoihanü tsipae dehahume*
 CONCOMITÂNCIA=HomemPiapoco POTENCIAL NORMALIDADE EuFalo POTENCIAL LínguaPiapoco
 'Eu sendo Piapoco, claro que falaria Piapoco.'

Tsaha: a presunção do falante a respeito da maneira de existir é confirmada.

- (5) *Ahaa! Amoho tsaha Kuwainü! hai pina Pumeniruwa.*
 EXCLAMAÇÃO TeuCunhado CONFIRMAÇÃO Kuwainü disse REPORTATIVO Pumeniruwa
 'Tá certo! Então teu cunhado é mesmo Kuwai, disse Pumeniruwa.'

Metha: grau moderado de incerteza.

- (6) *kulima baitsi piapaera, baha¹⁰ metha beyalaki*
 Kulima SOBRETEMATIZADOR bebida TRASPASSO DUBITATIVO ComoCaiçumaDeMandioca
 'Kulima, trata-se de uma bebida, tipo caiçuma de mandioca, acho.'

Saya: a maneira de existir tem pouco sentido, fundamento, tal como demonstrado no exemplo (7).

Hema: a maneira de existir é desprovida de importância, tal como em (7).

- (7) *tahuyapihinü raha nebihiatane, Hema saya nebihiatane*
 IrmãoMaisVelho ASSERTIVO1 EleMeRepreende SEMIMPORTÂNCIA SEMMOTIVO EleMeRepreende
 'Meu irmão mais velho me repreendeu, ele me repreendeu à toa, e daí?'

Hane: o falante é moderadamente afetado.

- (8) *hane taxa aponekopatsi*
 FALANTEAFETADO MeuPai EleNãoMeAutoriza
 'Pena que meu pai não me deu permissão.'

Pikani: as expectativas do falante não se realizaram.

- (9) *baharaxua yaniwa batakahai pikani*
 isso PREVENTIVO EuTeDisseltratativamente FRUSTRATIVO
 'Eu te avisei contra isso uma e outra vez, em vão.'

¹⁰ Sobre as acepções não aspectuais de **baha**, veja a seção "Aspecto".

Bihi: a maneira de existir advém apesar das expectativas contrárias. O contexto em que se insere o dado abaixo é o da raposa tentando introduzir seu pênis em todos os orifícios do corpo da menina, sem resultado; quando vai desistir (ela não deve ser mulher), acha...

- (10) *petiriwamü* ***bihî***
 TuEsMulher CONTRAEXPECTATIVA
 'Porém, tu és mulher sim.'

FONTE DA INFORMAÇÃO

Pina: a fonte da informação é o discurso de outrem.

- (11) *Pumeniruwa* ***pina*** *bitso pexaniawa*
 Pumeniruwa REPORTATIVO muito BelaMulher
 'Pumeniruwa era uma mulher muito bela, contam.'

Raetha: o falante faz uma conjectura.

- (12) *xamü* ***raetha*** *nepünakotokaewame...*
 2SINGULAR CONJECTURA TuMeSegue
 'Aposto que és tu quem me segue...'

...*xamü* *raha* *pihinia* *merawi* *ponaponabiabame*
 2SINGULAR ASSERTIVO1 também noite TuCostumasCaminhar
 '...pois tu também andas de noite.'

Humia: o falante dispõe de indícios auditivos. A partir de *hume*, nome para 'estímulo auditivo', sufixado por *-ya*, ZONAINTERNA. O fragmento em (13) é motivado por um rumor cósmico.

- (13) *tamomonüyo* *metha* *baha* ***humia*** *netonawiata* *mahe*
 MeuNetinho DUBITATIVO TRASPASSO INDÍCIOAUDITIVO EleVoltaParaMim ASSERTIVO2
 'Meu netinho já deve ter voltado para mim, pelo que ouço.'

Kowü: o falante dispõe de indícios sensoriais não auditivos. Lexicalmente, *kowü* é um nome e significa 'rastro'. O exemplo (14) ilustra uma fala proferida quando as pessoas perceberam o cheiro bom saindo da boca de Jupará.

- (14) *dunusi* *tsaena* ***kowü*** *wamo* *xane*
 abacaxi FOCO INDÍCIONÃOAUDITIVO NossoAvô EleOCome
 'Pelo visto o que nosso avô comeu é abacaxi.'



Kowü como partícula tem, obviamente, uma distribuição diferente do nome *kowü* 'rastro'. Já a distribuição de *humia* não é discernível do seu étimo *hume-ya* 'no som, na palavra, na língua', expressão adverbial também pronunciada como *humia*.

ESTRUTURA INFORMACIONAL

Tsaena: um dos participantes, ou uma circunstância, ou a própria maneira de existir, é selecionado entre uma série de concorrentes potenciais no universo discursivo criado (foco contrastivo), como no exemplo (14).

Baitsi: um dos constituintes presentes na oração é promovido a – ou reforçado como – bloco de máxima informação (rematização ou sobrerrematização). Em se tratando de um sintagma nominal, serve também para introduzir de maneira enfática um novo participante (sobretematização).

- (15) *piayainü* ***baitsi*** *kakanamuxusita*
 monstro SOBRETEMATIZADOR EleTeEstrupou
 'O monstro, ele te estuprou.'

FORÇA ASSERTIVA

Raha: reforça a asserção em grau moderado.

- (16) *baharapahumatabükuenia* ***raha*** *tahamonae* *hinawonopa*
 Dessejeito ASSERTIVO1 MinhaFamília ElesVivem
 'Pois é, minha família vivia desse jeito.'

Mahe: reforça a asserção retrospectivamente.

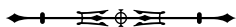
- (17) *Kutsikutsi* *baha* *hunatabaya* ***mahe***
 Jupará TRASPASSO EleSobeParaCima ASSERTIVO2
 'Jupará tinha subido lá em cima, foi assim mesmo.'

Piha: a asserção é reforçada em grau de expressividade (exclamação) e associada à irritação. O fragmento em (18) se insere no contexto em que, após muita resistência, Jupará confessa que esteve comendo abacaxi na árvore das plantas cultivadas.

- (18) *tamomoxi*, *pexaehawa* *raha* *yanuka* ***piha!***
 MeusNetinhos comida ASSERTIVO1 EleEstáDentro EXCLAMAÇÃO
 'Oh, meus netinhos, lá dentro tem comida sim, ora!'

DEPENDÊNCIA ORACIONAL

Pakuhinae: introduz uma subordinada adverbial de concomitância, 'quando'; ou de condição, 'em caso de que'; ou de sucessividade, 'depois que'. Construído a partir de *pa-*, demonstrativo, e *kuhinae*, posposição 'depois'.



(19) **pakuhinae** xanepana walapo...

CONCOMITÂNCIA EleÉBom bebida

'Assim que a bebida ficou pronta...'

...pona baharaponü pematapihiwahawa beria

EleFoi esse IrmãMaisVelha EMTALDIREÇÃO

'...esse foi na casa da irmã mais velha.'

COERÊNCIA DISCURSIVA

Nexatha: lançando mão da concatenação de dois casos, **-nexa**, FINALIDADE, e **-tha**, LOCATIVO, **nexatha** introduz a oração independente que descreve uma maneira de existir subsequente no tempo àquela descrita na oração anterior.

(20) Tahawa nitoya. **Nexātha** ponaehitsianü.

MinhaMulher ElaMeOdeia então EuVouEmbora

'Minha mulher me odeia, então eu vou embora.'

Nua: coordenação.

(21) merawia nawiatsiana penakuenebinü, patsiana **nua** peyakinaenü

amanhã EleVoltará trabalhador EleChegará COORDENAÇÃO escritor

'Amanhã o trabalhador voltará para lá, e o escritor chegará.'

Visto o nível de abstração em que se situa o significado de alguns desses itens, sua análise semântica torna-se difícil devido ao fato de o estudioso não fluente na língua – é o caso do autor – só dispor das ocorrências particulares de cada item¹¹. Assim, a copresença em uma mesma oração de mais de um I.I. (veremos mais adiante o uso prolixo desses morfemas no discurso real) pode suscitar dúvidas sobre a não interseção dos significados ou sua compatibilidade em uma mesma oração. Destarte, enquanto **metha**, DUBITATIVO, não pode ser associado a **raha**, ASSERTIVO1, no exemplo seguinte, **metha** confere uma tonalidade de dúvida a uma asserção encerrada com um reforço retrospectivo mediante **mahe**, ASSERTIVO2, tal como se pode verificar no exemplo (13), renumerado aqui:

(22) tamomonüyo **metha** baha humia netonawiata **mahe**

MeuNetinho DUBITATIVO TRASPASSO INDÍCIOAUDITIVO EleVoltaParaMim ASSERTIVO2

'Meu netinho já deve ter voltado para mim, pelo que ouço.'

¹¹ Sem contar que, frente a um tópico como o tratado aqui, só os dados espontâneos possuem um grau de confiabilidade aceitável. Veja Silverstein (1979, p. 234) sobre a noção de "low rate in elicibility hierarchy".

DISTRIBUIÇÃO

Alguns I.I. gozam de uma notável liberdade de posicionamento sintagmático. Outros são mais restritos: de maneira absoluta ou preferencial, uns aparecem antes e outros depois do constituinte sob o seu domínio¹². Podemos classificá-los, conforme o Quadro 3, em:

Quadro 3. Classificação de morfemas I.I.

Antepostos	
Dependência oracional	<i>pakuhinae</i>
Coerência discursiva	<i>nexatha</i>
Pospostos	
Modalidade	<i>tsipae</i>
Estrutura informacional	<i>tsaena</i>
	<i>baitsi</i> ¹³
Coerência discursiva	<i>nua</i>
Livres ¹⁴	
Aspecto	<i>baha</i>
Modalidade	<i>bihi</i>
	<i>penetha</i>
	<i>tsaha</i>
	<i>metha</i>
	<i>saya</i>
	<i>hema</i>
	<i>hane</i>
Fonte da informação	<i>pikani</i>
	<i>raetha</i>
	<i>kowü</i>
	<i>humia</i>
Força assertiva	<i>pina</i>
	<i>raha</i>
	<i>mahe</i>

Complemento com três comentários as informações sobre a distribuição destas formas:

1. Além do traço de classe aberta/fechada, a distribuição também distingue os I.I. dos advérbios.

¹² Ou, para fazer uso de um anglicismo, 'escopo'.

¹³ Excetuando quando realça a importância informacional da oração como um todo, caso em que pode ocorrer em posição inicial. Veja exemplos mais adiante.

¹⁴ Veja os exemplos da seção "Aspecto" para uma ilustração da liberdade de posição dessas partículas. Essa liberdade não foi, porém, submetida a testes exaustivos (cf. nota de rodapé 11).

Os advérbios não têm posição fixa na oração. Os I.I. ante e pospostos têm. Em outras palavras, o grau do que foi chamado de 'autonomia' no Quadro 1 distingue os advérbios de duas das três subclasses de I.I.

Os advérbios são impossibilitados de penetrar sintagmas verbais e nominais. Os I.I. livres podem. Isto é, o traço que é chamado de 'imiscuinte' no Quadro 4 separa os advérbios e a terceira subclasse de I.I. Veja no exemplo (23) o verbo e seu auxiliar, e em (24) o nome e seu dependente genitival¹⁵ (advérbio sublinhado).

(23a) [*amahitsinaenü*_{VERBO} *raha* *tsatabarukae*_{AUXILIAR}]
 EuSonhei ASSERTIVO1 BrevementeEstandoPendurado
 'Eu tive um sonho breve enquanto deitado.'

(23b) **[ahibi*_{VERBO} *Imoxoyo* *tsane*_{AUXILIAR}]
 EleNãoExiste perto FUTURO
 'Ele não existirá por perto.'

(24a) [*dunusi*_{GENITIVO} *pina* *baha* *pe-itaxutoxi*_{NÚCLEO}] *apaxayo*
 abacaxi REPORTATIVO TRASPASSO 3-olhinhos ElesSãoMuitos
 'Os olhinhos do abacaxi eram muitos, dizem.'

(24b) **[dunusi*_{GENITIVO} *pina* *bahaya* *pe-itaxutoxi*_{NÚCLEO}] *apaxayo*
 abacaxi REPORTATIVO antigamente 3-olhinhos ElesSãoMuitos

Em síntese, os traços de autonomia e imiscuição, combinados à noção de 'distribuição', constituem um critério a mais na distinção entre advérbios e I.I.

2. Os I.I. antepostos introduzem orações. Alguns operam no nível do discurso: introduzem orações formalmente independentes, porém, conectadas semanticamente/pragmaticamente à oração precedente. Outros se situam no nível da sintaxe: introduzem orações subordinadas. O domínio dos pospostos são orações (coordenação) ou constituintes subordinacionais: predicado (futuro, potencial), predicado e sintagma nominal (coordenação), predicado, sintagma nominal e sintagma posposicional (foco). Os livres incidem no significado da oração como um todo (aspecto, modalidade, fonte da informação, força assertiva).

3. Junto aos I.I. antepostos, mencionados anteriormente, as orações subordinadas podem hospedar I.I. livres, sem que a sua presença se deva a um caso de imiscuição. Em outras palavras, seu domínio é mesmo a oração subordinada. Note-se que essa faculdade abrange tanto as subordinadas finitas – o exemplo (25) – quanto as não finitas – exemplo (26) (subordinador sublinhado) –, o que poderia revelar certo grau de finitude nas subordinadas não finitas do tipo de (26), compartilhado pelas orações independentes com predicado nominal, tal como em (27).

(25) *baha* *itsa=koikoihaitsi*, *itsamonae* *saya...*
 TRASPASSO CONCOMITÂNCIA=NósFalamos alguns SEMMOTIVO
 'Quando falamos, alguns, sem motivo...'

¹⁵ Nome em sintagma verbal, nominal ou posposicional, assim como adjetivo em sintagma nominal não são formas imiscuintes no sentido aqui entendido: eles ocupam suas posições canônicas nos respectivos constituintes.

...*pehumexi banahumetoyaetapona, itsamonae hume, aponahumetoyaetsi*
 palavrinhas EleCostumaAbreviarPalavra alguns não EleNãoAbreviaPalavra
 '...costumam abreviar as palavrinhas, outros não, eles não abreviam.'

(26) *taxa-xae-mü baitsi baha 'axa' kahaitsi*
 MeuPai-CAUSA-2NOMINATIVO REMATIZADOR TRASPASSO pai EuTeDigo
 'Por tu seres meu pai, eu te chamo de 'pai'.'

(27) *"mawiru" raha baha¹⁶ saikaya baha deha pehumenexa baha...*
mawiru ASSERTIVO1 TRASPASSO SerDiferente TRASPASSO Piapoco FuturaLínguaDele TRASPASSO
 'Mawiru é outra coisa, é mesmo futura língua de Piapoco...'

...*"dunusi" raha baha waxaitsi wahumenexa*
 abacaxi ASSERTIVO1 TRASPASSO NósINCLUSIVO NossaFuturaLíngua
 '...*dunusi* (abacaxi) é sim nossa futura língua.'

FUNÇÕES SECUNDÁRIAS

Alguns I.I., devido à alta frequência na fala espontânea, tendem a ampliar o leque de suas funções semânticas ou pragmáticas. Os morfemas envolvidos são sempre aqueles com distribuição livre. O aspectual *baha* é o mais representativo dessa deriva. Veja uma amostra de sua frequência em (28). Com verbos dinâmicos, e sem sair das noções aspectuais, *baha* pode indicar iminência – tal como no exemplo (29). Para além, e independentemente do tipo de predicado, ele também entra na modalidade, denotando certeza, como em (30).

(28) *baharahota baha nexatha unu baha naexana...*
 AquiExatamente TRASPASSO então floresta TRASPASSO EleSeTransforma
 'Então, neste lugar exatamente, a árvore (procedente) do outro ovo se transformou...'

...*itsatobütotha naehawa pina baha hota baha*
 DoOutroOvo árvore REPORTATIVO TRASPASSO aqui TRASPASSO
 ...em floresta, dizem, aqui.'

(29) *mera baha tokariamüre nekotiwa!*
 água TRASPASSO LevaParaEle TeuNamorado
 'Vai logo levar água para teu namorado!'

(30) *baha pawünüxi tsane!*
 TRASPASSO nomezinhos FUTURO
 'Feito, esses serão os nomezinhos (dos meus filhos)!'

¹⁶ A sequência *raha baha* tem uma frequência alta nos textos, o que faz com que ela fusione fonologicamente em *rabaha*.

O seguinte passo na perda de sua função básica consiste em *baha* adquirir funções discursivas que não deixam de lembrar o que seria uma vírgula oral, como demarcar constituintes – como no exemplo (31)¹⁷ –, ou realçar o ritmo em uma enumeração – como em (32) –, extraída do mito de criação do mundo em que o narrador faz o inventário dos seres – ainda indeterminados no que diz respeito à dicotomia humano/animal – que com o tempo se tornariam as espécies atuais.

(31) *itsamatakabihawa beria baha, perekakuhinae baha..*
 EmUmDadoMomento NaquelaDireção TRASPASSO ApósEleDescer TRASPASSO
 'Em um dado momento naquela direção, após ele descer...'

...*pepütaekuhinae baha, nakua pina baha nahumeta*
 ApósEleIrProcurar TRASPASSO mundo REPORTATIVO TRASPASSO EleEstrondeou
 '...após ele ir à procura (de...), o mundo estrondeou.'

(32) *bakanexa baha, maranonexa baha, newüthünexa baha, owebinexa baha,*
bünüxinexa baha, suidoxinexa baha, ofaebünexa baha, marainexa baha,
üthübürünexa baha, kawipinexa baha, masalinexa baha, tukulinexa baha...
 'Futura-vaca, futuro-porco, futura-onça, futuro-veado, etc.'

...*daxita baha patobütotha pitsapa*
 todo(s) TRASPASSO DesseOvo EleSaiu
 '...todos eles saíram desse ovo.'

O reportativo *pina*, visto em (5), (11) e (28), tem a mesma função discursiva, embora em contextos mais restritos devido à retenção de seu semantismo original.

(33) *aketo pina pikani, kulipipito pina, homoatha pina...*
 escorpião REPORTATIVO FRUSTRATIVO MosquitoSp. REPORTATIVO CobraINCLUSIVE REPORTATIVO
 'O escorpião, o mosquito Sp., inclusive a cobra...'

...*pikani daxita kakuataponatsi*
 FRUSTRATIVO todo(s) EleVaiFerrando
 '...ele estava sendo ferrado por todos eles sem ser incomodado, dizem.'

Ofereço, a seguir, um breve trecho de texto, segmentado, glosado, pontuado e parcialmente comentado, que exhibe várias propriedades dos I.I. já mencionadas, e algumas outras de caráter mais periférico, principalmente discursivas. Assistimos a um debate sobre reconhecimento de paternidade entre um filho prodigioso e um pai pouco disposto a aceitá-lo¹⁸.

¹⁷ O último *baha* conserva sua função aspectual básica.

¹⁸ O texto completo encontra-se em Queixalós (1985).

1. O reportativo *pina* acompanhando quase invariavelmente o verbo *hai*, 'dizer', logo após uma citação em estilo direto. Isso ocorre também na segunda linha de (41).

- (34) *Axa! Ne-ewe-re=bo!* *Ø-hai-Ø* *pina*
 papai 1ACUSATIVO-esperar-IMPERATIVO=EXCLAMATIVO 3ACUSATIVO-dizer-3NOMINATIVO REPORTATIVO
 "'Papai, me espera!'", disse ele.'

2. Uma sequência de I.I.stituindo uma oração independente.

- (35) *Baha* *pina* *hane*
 TRASPASSO REPORTATIVO FALANTEAFETADO
 'Aconteceu, coitadinho dele, dizem¹⁹.'

Seguem as palavras do pai, ao se deparar com que o menino se reconstituiu miraculosamente.

- (36) *Pe-bihia-nü-yo-Ø!* *Xania!* *Bahara=he=bo!*
 3GENITIVO-SerInfeliz-MASCULINO-DIMINUTIVO-3NOMINATIVO SerVerdade DEMONSTRATIVO=MIRATIVO=EXCLAMATIVO
 'Desgraçadinho ele! Sinceramente! Olha, que coisa!'

3. Uma sequência de I.I. abrindo uma oração independente, em (37) e (38).

- (37) *Baha* *pina* *saya* *pakuenia* *Ø-beyaothootho-pa-Ø* *abüxü*
 TRASPASSO REPORTATIVO SEMMOTIVO DessaForma 3ACUSATIVO-matar-REALIS-3NOMINATIVO ainda
 'E dessa forma ele continuou matando-o à toa, dizem.'

- (38) *Baha* *pina* *hane* *ikatsia* *Ø-thithi-ba-beya-e-ta-Ø*
 TRASPASSO REPORTATIVO FALANTEAFETADO DeNovo 3ACUSATIVO-esmagar-REALIS-matar-deixar-REALIS-3NOMINATIVO
 'Coitadinho dele, de novo (o pai) deixou-o morto, esmagado, dizem.'

4. I.I. livre aspectual *baha* em oração subordinada – renumerado de (26).

- (39) *Ta-axa-xae-mü* *baitsi* *baha* *'axa' ka-hai-tsi.*
 1GENITIVO-pai-CAUSA-2NOMINATIVO REMATIZADOR TRASPASSO pai 2ACUSATIVO-dizer-4NOMINATIVO
 'Por tu seres meu pai, eu te chamo de 'pai'.'

5. Rematizador *baitsi* em posição inicial de oração.

¹⁹ Assumo que esta oração é desprovida de estrutura sintática, o que a aproximaria de uma interjeição.

- (40) **[Baitsi]** *baha* *ta-ka-amahitsinae=bü!*
 REMATIZADOR TRASPASSO 1GENITIVO-2ACUSATIVO-sonhar=EXCLAMATIVO
 'Houve sim esse meu sonho contigo!'

6. O reportativo *pina* acompanhando o verbo *hai* 'dizer', após uma citação em estilo direto (*pina*₁). E também como marca – socialmente – obrigatória em todo e qualquer relato de eventos não diretamente presenciados pelo falante (*pina*₂).

- (41) "*Baha* *raetha* *xua-tha* 'axa' 'axa' *ne-hai-mü* *baitsi!*"...
 TRASPASSO CONJECTURA isso-SOCIATIVO papai papai 1ACUSATIVO-dizer-2NOMINATIVO REMATIZADOR
 "'Deve ser por isso que tu me chamas de 'papai', 'papai!'..."

...Ø-*humatabühai*-Ø **[pina]**₁ *baha.* *Baha* **[pina]**₂.
 3ACUSATIVO-pensar-3NOMINATIVO REPORTATIVO TRASPASSO TRASPASSO REPORTATIVO
 '...pensou²⁰, dizem.'

7. Sequências de I.I. ...e desenlace feliz.

- (42) *Naxatsia!* **[hane]** **[baha!]**...
 VemCá FALANTEAFETADO TRASPASSO
 'Vem cá, coitado!...'

...**[Baha]** **[raetha]** **[baitsi]** *ta-xünato-nü-yo-mü!*
 TRASPASSO CONJECTURA REMATIZADOR 1GENITIVO-filho-MASCULINO-DIMINUTIVO-2NOMINATIVO
 '...Tu deves ser mesmo meu filhinho!'

DISCUSSÃO

Vou agora retomar o Quadro 1, incorporando os morfemas I.I.

Existe uma matriz de traços (Quadro 4) cujas especificações identificam com nitidez uma classe de morfemas I.I. Eles geram acento como as palavras, seu inventário é fechado como os dos morfemas gramaticais, não hospedam nem afixos nem clíticos, não instituem palavras que, em qualidade de núcleo, dominam sintagmas contendo mais de uma palavra e sua distribuição é quase sempre original. Outrossim, eles codificam funções tipicamente gramaticais, semânticas ou pragmáticas, sendo que algumas delas incluem a articulação da coerência discursiva.

Pela própria natureza daquilo que chamamos de matriz de traços distintivos, os I.I. 'são' o que qualquer outra das oito classes restantes 'não é'. Evidentemente, trata-se de algo muito diferente de uma definição extensional. Isso faz com que a classe dos I.I. não possa ser vista como um saco de lixo onde colocamos tudo que não entra nas outras classes, precisamente porque exhibe a propriedade fundamental associada aos elementos de uma estrutura: identificar-se

²⁰ O verbo 'pensar' é composto de *humatabü*, 'pensamento', e *hai*, 'dizer'.

contrastivamente. Em sistemas fechados, como o é em uma língua dada a subclasse de fonemas consonânticos ou o conjunto das classes de morfemas, esse mesmo raciocínio se aplica, por exemplo, às oclusivas e aos adjetivos.

Quadro 4. Traços formais básicos que distinguem todas as classes de morfemas.

	Lexema de verbo	Lexema de nome	Lexema de adjetivo	Lexema de advérbio	I.I.	Pronome	Posposição	Clítico	Afixo
Acento	+	+	+	+	+	+	+	-	-
Classe fechada	-	-	-	-	+	+	+	+	+
Invariável	-	-	-	+	+	-	-	+	+
Núcleo	+	+	-	-	-	-	+	-	-
Autonomia	-	+	-	+	+	+	+	-	-
Imiscuinte	-	-	-	-	+	-	-	/	/

A argumentação desdobrada neste artigo outorga suficiente legitimidade 'intralinguística' aos Ivan Ivanovitch do Sikuni para poder reconhecê-los como uma classe genuína de morfemas, merecedora de uma designação propriamente gramatical. A mais aproximada disponível na terminologia comum é 'partículas'. Eis, pois, uma língua em que a partícula é um pequeno objeto localizado na oração, ao qual podem ser adscritas propriedades gramaticais. Se admitirmos com Zwicky (1985) que uma partícula é uma palavra²¹, a pertinência, para a identificação de um protótipo válido translinguisticamente, da matriz de traços proposta aqui é algo que merece ser considerado com mais atenção do que a permitida pelos limites deste artigo.

Precisamente, no que diz respeito à legitimidade 'translinguística' da noção de partícula, ela parece, no mínimo, se situar em um nível de adequação comparável ao de tantas outras noções de uso corriqueiro entre descritores, tipólogos e até teóricos. Um belo exemplo é a noção de 'sujeito' aplicada a línguas pouco estudadas. No melhor dos casos, lança-se mão da prototipicidade, por exemplo baseada em Keenan (1976), ou no papel semântico de agente. No pior, chama-se de sujeito todo constituinte que remete àquele participante realizado como sujeito na língua (frequentemente europeia) da tradução. Se os linguistas fazem uso do vocábulo 'sujeito' de maneira altamente díspar – para não dizer leviana – diz mais a respeito à prática profissional dos mesmos do que à possível validade da noção em si. Outro caso que vem à tona é a noção de 'cópula'. Para uns, é um elemento com características de verbo que permite a itens lexicais não predicativos ocuparem a posição de predicado. Para outros, a natureza verbal não constitui um quesito definatório. Quanto à noção de 'finitude', tão badalada nas últimas décadas, alcançar uma definição universal seria um alvo difícil de se considerar seriamente.

A lista das noções tipológicas com um nível consensual de operacionalidade translinguística é, na prática, 'quase' coextensiva à lista das noções tipológicas. Tal limitação faz intimamente parte da natureza dos 'universais substantivos'.

²¹ É de se notar que a crítica desse autor à noção de partícula consiste principalmente, após ter argumentado sua condição de palavra (o que o Sikuni valida), em dizer que essas palavras não passam de "[...] simplesmente (subtipos de) categorias sintáticas comuns [familiar]" (Zwicky, 1985, p. 290, tradução nossa) (o que o Sikuni desqualifica). Já a asseveração de que a noção de partícula está ausente das gramáticas parece um tanto obscura: ou 'gramáticas' remete às descrições de línguas particulares, e sua suposta ausência gera surpresa (veja, por exemplo, Slater, 2010), ou 'gramáticas' equivale às teorias da gramática universal, induzindo identicamente surpresa (embora em menor grau, devido a essas teorias tomarem maiormente como sua base empírica a versão escrita das línguas de grande difusão).

Em suma, a ideia de uma noção tipológica carente de definição válida e 'idêntica' para todas as línguas ser uma noção prescindível é, por si mesma, prescindível.

REFERÊNCIAS

- BACH, Emmon. Nouns and Noun Phrases. *In*: BACH, Emmon; HARMS, R. T. (ed.). **Universals in Language**. New York: Holt & Rinehart, 1968. p. 89-122.
- BENVENISTE, Émile. "Être" et "avoir" dans leurs fonctions linguistiques. **Bulletin de la Société de Linguistique**, tomo 55, v. 1, p. 113-134, 1960. [Reimprimido em: BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale**. Paris: Gallimard, 1966. p. 187-207.]
- FREGE, Gottlob. Funktion und Begriff. **Jenaische Gesellschaft für Medizin und Naturwissenschaft**, Jena, Jan. 1891. [FREGE, Gottlob. On Function and Concept. *In*: BEANEY, Michael (ed.). **The Frege Reader**. Malden: Blackwell Publishing, 1997. p. 130-148.]
- KEENAN, Edward. Towards a universal definition of subject. *In*: LI, Charles N. (ed.). **Subject and topic**. New York: Academic Press, 1976. p. 305-333.
- QUEIXALÓS, Francesc. Valence in Katukina-Kanamari noun phrases and the nature of genitive classifiers. *In*: QUEIXALÓS, Francesc; GOMES, Dione M. (org.). **O sintagma nominal em línguas amazônicas**. Pontes: Brasília, 2017. p. 141-176.
- QUEIXALÓS, Francesc; GOMES, Dione M. Predicados, nomes, sintagmas: uma introdução. *In*: QUEIXALÓS, Francesc; GOMES, Dione M. (org.). **O sintagma nominal em línguas amazônicas**. Pontes: Brasília, 2017. p. 7-27.
- QUEIXALÓS, Francesc. Posse em Katukína e valência dos nomes. *In*: RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara (org.). **Novos estudos sobre línguas indígenas brasileiras**. Brasília: Universidade de Brasília, 2005. p. 177-202.
- QUEIXALÓS, Francesc. Maduedani, héroe cultural sikuani. **Amerindia**, Paris, n. 10, p. 93-125, 1985.
- SILVERSTEIN, Michael. Language structure and linguistic ideology. *In*: CLINE, Paul R.; HANKS, William F.; HOFBAUER, Carol L. (ed.). **The Elements: A Parasession on Linguistic Units and Levels**. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1979. p. 193-247.
- SLATER, Keith W. What is a particle? On the use and abuse of the term "particle" in East and Southeast Asian languages. **PYU Working Papers in Linguistics**, Chiang Mai, v. 6.2, p. 1-18, Mar. 2010. Disponível em: http://inter.payaac.th/wp-content/uploads/linguistics_workingpapers/What_is_a_Particle.pdf. Acesso em: 2 set. 2018.
- ZWICKY, Arnold M. Clitics and Particles. **Language**, v. 61, n. 2, p. 283-305, June 1985.
- WIKIPEDIA CONTRIBUTORS. Particle. *In*: **Wikipedia, The Free Encyclopedia**. 2019. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Particle&oldid=917469288>. Acesso em: 2 set. 2018.

